**XXX DOMINGO COMUM B 2021**

**Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente**

**DIA MUNDIAL DAS MISSÕES**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial**

P. “***Não podemos calar o que vimos e ouvimos***” (At 4,20). Não podemos deixar de testemunhar, com a palavra e a vida, os frutos do nosso encontro libertador com Jesus Cristo, que dá à nossa vida uma grande alegria, um novo horizonte e um rumo decisivo! Mas também não podemos calar o grito dos sem voz e a voz dos que gritam a partir das margens da vida e da sociedade, e pelo quais Deus nos está a chamar e a falar. Neste Dia Mundial das Missões e em tempo de aprendizagem do caminho sinodal, deixemo-nos iluminar pelo cego, que recuperou a vista, e nos dá uma visão nova, uma visão na visão dos outros, com os quais aprendemos a olhar o mundo com novos olhos e a seguir juntos por um caminho novo.

**Ato penitencial** 1 (cf. *Amoris laetitia*, 137-139)

P. (ou um esposo) Senhor: em casal, em família, em comunidade, muitas vezes não soubemos escutar com paciência e atenção, até que os outros tenham manifestado tudo o que precisavam de nos comunicar. Senhor, abri os nossos ouvidos!

P. Senhor, tende piedade de nós! Todos: Senhor, tende piedade de nós!

P. (ou uma esposa) Cristo: em casal, em família, em comunidade, muitas vezes não demos tempo aos outros para falar dos seus medos, das suas mágoas e desilusões, das suas esperanças e sonhos e precipitámo-nos a fazer juízos e a dar as nossas opiniões. Cristo, dai-nos mais pressa em ouvir do que em falar!

P. Cristo, tende piedade de nós! Todos: Cristo, tende piedade de nós!

P. (ou um/a filho/a) Senhor: em casal, em família, em comunidade, enquanto os outros falam, nós estamos a pensar noutra coisa à espera que acabem, mudando de assunto ou dando respostas rápidas para acabar a conversa. Senhor, ensinai-nos a dar real importância aos outros!

P. Senhor, tende piedade de nós! Todos: Senhor, tende piedade de nós!

**Ato penitencial 2 (**proposta do Guião Missionário 2021)

P. Senhor, que fostes enviado pelo Pai para salvar toda a humanidade, Senhor, tende piedade de nós.

Todos: Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, que nos chamais à conversão pelo amor, Cristo, tende piedade de nós!

Todos: Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, que nos enviais a anunciar a Boa Nova aos povos, Senhor, tende piedade de nós!4

Todos: Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração coleta**

*Orações coleta, oblatas e pós-comunhão: Missa pela evangelização dos povos – Missal, p. 1208 ss. Esta Missa pode dizer-se também nos domingos do Tempo Comum, onde se realizam celebrações especiais pelas missões.*

**LITURGIA DA PALAVRA**

1.ª Leitura | Salmo | 2.ª Leitura | Aclamação ao Evangelho | Evangelho | Homilia

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2021 | Dia Mundial das Missões 2021**

1.***Por que não te calas***?! Assim reagem alguns, ao ouvir os gritos incómodos daquele cego, sem eira nem beira, que sente o cheiro e os passos de Jesus, que passava por ali. Muitos repreendiam-no para que se calasse, mesmo se da voz daquele pobre homem saísse uma exclamação perfeita da fé em Jesus, o Messias. Por isso, o nosso homem não se cala. Não pode calar o grito de abandono. Não pode calar a sua fé e confiança em Jesus. Fala, em alta voz, até fazer ressoar, das margens da vida, o seu grito por misericórdia. Perante isto, alguns, percebendo a manifesta vontade de Jesus em chamá-lo, estimulam-no a sair das margens, para dar um salto qualitativo na sua vida: “*Coragem, levanta-te, que Ele está a chamar-te*”. O homem, que se levantou do chão, saiu liberto do encontro com Cristo: recuperou a vista e seguiu Jesus. Não sozinho nem à margem; vão todos juntos, por um caminho novo: Jesus e os Doze, o cego atrás de Jesus, entre os discípulos e no meio da multidão.

2. Há muitos pormenores nesta cena comovente do Evangelho. Mas, tendo em conta o tema do Dia Mundial das Missões “*Não podemos calar o que vimos e ouvimos*” (At 4,20) e este tempo de aprendizagem sinodal, eu destacaria duas atitudes: por um lado, a coragem do cego Bartimeu em falar, em gritar, sem se calar, a partir das margens da sua vida; por outro, e em contraluz, esta tentação de alguns em silenciar o seu grito de fé. Nesta medida, o cego, que segue Jesus por um caminho novo, também nos pode abrir os olhos para vermos os outros com as lentes do coração, para vislumbrarmos o interior das coisas, para aprendermos a “sinodalizar”, isto é, a escutar por amor e a falar por amor. Como? *Ouvindo mais, falando menos.* Expliquemo-nos melhor:

**2.1.** *Ouvindo mais!* Para ver bem a realidade, é preciso aprender a ouvir o grito de fé ou o grito de fome, o grito de protesto ou o grito de sede, o grito de angústia ou o grito de liberdade dos pobres, dos que estão à margem. Ao escutar, a Igreja segue o exemplo do próprio Deus, que escuta o grito do seu povo. Não podemos, por isso, nas nossas comunidades e sociedades, ouvir apenas os que têm voz ativa ou os que fazem mais ruído mediático. Precisamos de aprender a ouvir todos e cada um, sem esquecer os mais pequeninos e os mais jovens; ouvir todo o povo de Deus, mesmo os que não gostamos de ouvir; ouvir os que achamos que não têm direito ou autoridade para falar, porque os colocamos do «lado de fora»; ouvir a totalidade dos fiéis, que, em matéria de fé, não pode enganar-se, porque todo o santo povo de Deus é assistido pelo Espírito Santo. Estou convencido que a primeira palavra que teremos a anunciar aos outros é a Palavra que Deus nos diz nas suas vidas e que precisamos de aprender e ensinar a ler. É preciso que cada um se torne então um bom ouvinte, interessado na escuta dos que têm histórias de vida para contar, a fim de lhes desvendar a presença de Deus neles (cf. EG 71). Isto, sim, é decisivo, porque ouvindo-nos, vamos encontrando juntos o caminho, refazendo posições, acolhendo novidades, alargando horizontes, deixando cair as nossas bandeiras, para nos tornarmos todos *um só* em Jesus Cristo. Na missão, antes do «ide e anunciai» está o «ide e escutai». Só ouvidos puros podem dar-nos falas de água pura e de verdade.

2.2. ***Falando menos.*** À **humildade de escutar deve corresponder a coragem de falar**. E este é um tempo para falar menos, mas para falar com coragem e honestidade autênticas, de dizer livremente a verdade na caridade.Não se trata de entrar em debate para vencer ou convencer os outros, para criar grupos de pressão ou de opinião. Trata-se, antes (e insistamos!) de acolher o que os outros dizem, como um modo através do qual o Espírito Santo pode falar para o bem de todos (1 Cor 12,7). Temos de deixar os outros falar até ao fim, sem pressa de darmos a nossa opinião, antes pelo contrário, sempre dispostos a mudar as nossas opiniões, com base no que ouvimos, porque Deus fala-nos através dos que os outros nos têm a dizer.

3. Neste Dia Mundial das Missões, em clima sinodal, o Espírito Santo nos dê a humildade de escutar, com ouvidos puros, os gritos e anseios de todos… e a coragem de falar, de contar, de dar testemunho aos irmãos de tudo quanto vimos ou ouvimos, de tudo quanto vai mudando e embelezando a nossa vida, a partir do nosso encontro com Cristo. Seja onde for, seja diante de quem for, “*não podemos calar o que vimos e ouvimos*” (At 4,20)! **Por que te calas então?**

**Credo** [R. Sim, creio!]

1. Credes em Deus Pai, que revelou o seu rosto de misericórdia em Jesus de Nazaré, que passou pelo mundo fazendo o bem?
2. Credes em Jesus Cristo, Filho de David, o Messias, que veio como luz do mundo, para iluminar os que andam nas trevas do medo e da ignorância?
3. Credes no Espírito Santo, que nos unge com o óleo da alegria, para oferecermos misericórdia e consolação a todos os pobres e frágeis da Terra?
4. Credes na Igreja, chamada a ser portadora e reflexo da Luz de Cristo para todos os povos?
5. Credes na vida eterna, que vos oferecerá a visão plena, nos esplendores da luz perpétua?

**RITO DO COMPROMISSO DOS CATEQUISTAS** (Missa de domingo, às 19h00)

*Este texto pode ser integrado, no todo ou em parte, na homilia. Aqui pode ser dito, no todo ou em parte, de acordo com as circunstâncias. Inclui excertos da Mensagem para a Semana Nacional da Educação Cristã.*

P.Também na Catequese é preciso aprender a caminhar juntos: catequistas entre si, catequistas com o pároco, catequistas com as famílias, catequistas com a comunidade. O grupo de catequistas é chamado a tornar-se um fermento de vida comunitária e de sinodalidade. Nesse sentido, os catequistas, em comunhão com o pároco, organizem-se em equipa, com encontros periódicos, diálogo constante entre eles e forte interação com a vida pastoral da comunidade cristã (profética, litúrgica e social), pois é a comunidade a matriz da vida cristã. A pedagogia sinodal da catequese implica promover um trabalho coordenado de pais e catequistas, através do diálogo, escuta da opinião de cada um, envolvimento e valorização do contributo de ambos, reconhecendo e criando condições para o protagonismo educativo da família.

*Podem selecionar-se apenas 2 ou 3 perguntas.*

P. Dizei-me, pois, diante de toda a Igreja: Quereis exercer o vosso ministério, em favor do primeiro anúncio, do crescimento e do amadurecimento da fé dos catequizandos, sempre em comunhão com Cristo, com a comunidade cristã e com as famílias?

Catequistas: **Sim, quero.**

P. Quereis exercer o vosso ministério como verdadeiras testemunhas da fé, guardiães da memória de Deus, companheiros pacientes de viagem, mediadores e facilitadores do encontro pessoal dos catequizandos com Cristo?

Catequistas: **Sim, quero.**

P. Quereis exercer o vosso ministério como verdadeira vocação cristã, como resposta ao chamamento de Deus Pai a participar na missão de Jesus, sob a guia do Espírito Santo, na comunhão com a Igreja e sempre em nome da comunidade cristã?

Catequistas: **Sim, quero.**

P. Quereis preparar-vos, sempre e cada vez mais, através de uma cuidada formação bíblica, teológica e pastoral, no contexto de uma vida comunitária, que vos faça crescer na ordem do ser, do saber ser e do saber fazer catequese com os outros?

Catequistas: **Sim, quero, com a graça de Deus.**

**Bênção dos catequistas**

P. Irmãos caríssimos: a fim de que estes catequistas sejam, como prometem, membros ativos de uma Igreja sinodal, *de comunhão, participação e missão*, invoquemos a bênção de Deus, para que se tornem mestres e mistagogos, que iniciam e introduzem os seus catequizandos no mistério da própria vida divina. Oremos.

*Então, o celebrante, de braços abertos, diz a oração de bênção dos catequistas (adaptado do Ritual das Bênçãos 370; 376):*

P. Confirmai, Senhor,

com a vossa bênção ✠ paterna,

a decisão destes nossos irmãos e irmãs,

que desejam dedicar-se à catequese.

Nós Vos pedimos, Senhor:

aquilo mesmo que eles ouvem, veem e vivem,

a partir do seu encontro com Cristo, Vosso Filho,

na escuta e no anúncio da Vossa Palavra,

se esforcem também por transmiti-lo

e testemunhá-lo aos seus irmãos e irmãs.

Estes catequistas sirvam, Senhor, o Vosso Reino,

com alegria e generosidade,

competência e humildade,

atraindo para Cristo, único Mestre,

e conduzindo à participação na comunidade cristã,

todos os catequizandos e as suas famílias,

para que sigam todos juntos,

por esse caminho novo e vivo,

que é Jesus Cristo, Vosso Filho

e Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**Entrega da Carta Apostólica *Antiquum ministerium* e do Diretório para a Catequese**

P. Entregaremos agora a cada catequista a Carta Apostólica do Papa Francisco sobre o ministério do Catequista. Àqueles que ainda não o receberam, entregaremos também o novo Diretório para a Catequese. Queira Deus consumar o bem que em vós começou. Toda a comunidade bendiz o Senhor por vós e agradece-vos a vossa disponibilidade para este ministério tão belo e tão exigente. Bendigamos ao Senhor.

Todos: Graças a Deus.

***Cântico durante a entrega da Carta Apostólica Antiquum ministerium e do Diretório para a Catequese***

*Na Missa com o compromisso dos catequistas podem omitir-se as preces, se parecer conveniente. Ou então, a fazerem-se, incluir uma prece pelos catequistas.*

**Preces**

P. Irmãos, neste Dia Mundial das Missões, elevemos o nosso coração ao Pai, de quem recebemos o verdadeiro bem, e façamos do testemunho dos Apóstolos o nosso compromisso e a nossa prece, dizendo: R. **Senhor, eis-me aqui! Enviai-me!**

1. Pela Santa Igreja em Sínodo: para que escute a voz dos que estão nas margens e anuncie, por obras e palavras, a misericórdia infinita de Deus por cada pessoa. Oremos. R.
2. Pelos que governam: para que escutem o clamor dos pobres e dos que não têm voz, promovam a liberdade de expressão e a participação de todos, no futuro das suas próprias nações. Oremos. R.
3. Por todos os cristãos, discípulos missionários na sua própria terra e além-mar: para que aprendam, primeiro, a escutar e a ler o Evangelho inscrito no coração e na vida daqueles a quem O desejam anunciar. Oremos. R.
4. Pelas crianças e pelos jovens: para que sejam escutados, na Igreja e na sociedade, e não se envergonhem de dizer e de testemunhar aos seus companheiros a alegria libertadora do Evangelho, através das suas vidas transformadas em Cristo. Oremos. R.
5. [Na missa de domingo às 19h00] Por estes catequistas, que hoje renovaram o seu compromisso de servir a Igreja neste antigo e tão atual e fundamental ministério: para que sejam testemunhas vivas da fé em Cristo, único Mestre. Oremos. R.
6. [Cf. Prece pelo Sínodo – proposta da Diocese do Porto] Pelo bom êxito do processo sinodal em marcha: para que ele nos conduza a uma comunhão cada vez mais profunda na Igreja, favoreça a nossa participação nela e nos torne capazes de partir em missão, juntos por um caminho novo. Oremos.

P. Senhor, fazei que a vossa Igreja, sacramento universal de salvação, manifeste e realize o mistério do vosso amor pela humanidade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

*Lembrete: Ofertórios deste fim de semana (23 e 24 de outubro) destinam-se à atividade missionária da Igreja.*

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas**

**Prefácio** dos Domingos do Tempo Comum I, Missal, p. 476 e **Oração Eucarística** III

ou **Oração Eucarística** V/C (com Prefácio próprio)

**Ritos da Comunhão**

**Oração a seguir à Comunhão | Ação de graças (cf.** Guião Missionário 2021)

Senhor,

os Apóstolos não podiam deixar de afirmar

o que viam e ouviam…

Viver de Ti, por Ti e contigo

encheu os seus corações de uma alegria tal,

que não a puderam conter.

Viram a Tua entrega e renderam-se.

Viram a verdade dos Teus gestos

e replicaram-nos.

Experimentaram a força do Teu amor e amaram.

Receberam a Tua mensagem

e espalharam a mais bela notícia.

Encontraram-se contigo e, a partir daí,

viveram desse encontro como buscadores.

Como os Apóstolos,

não posso deixar de afirmar o que vejo e ouço.

Encontrei-Te! Vejo-Te em cada irmão.

Ouço-Te em cada prece.

**RITOS FINAIS**

**Agenda pastoral**

1. Este domingo, dia 24, às 16h30, encontro mensal do Movimento Esperança e Vida, de apoio a viúvas.
2. Segunda-feira, às 19h00, na Igreja Antiga: celebração da Palavra com distribuição da Comunhão eucarística.
3. Missas à terça, quarta e sexta, às 19h00. À quinta-feira, missa às 16h00.
4. Terça-feira, reunião da Equipa Vicarial da Pastoral Familiar.
5. Próximo fim de semana, pausa nos encontros de catequese.
6. A partir de novembro, retoma a prática da partilha em bens ou em dinheiro, à entrada da Igreja, a favor da Conferência Vicentina, nos primeiros sábado e domingo de cada mês.
7. Reunião do Plenário do novo Conselho Paroquial de Pastoral, sexta, 5 de novembro, às 21h30.
8. Missas do último fim de semana de outubro e primeiros dias de novembro:

- Sábado, 30 de outubro: Missa às 19h00

- Domingo, 31 de outubro: Missas às 11h00 e às 19h00

- Segunda-feira, 1 de novembro: Missas da Solenidade de Todos os Santos, às 11h00 e às 19h00 (não há celebração da Palavra, na Igreja Antiga, às 19h00)

- Segunda-feira, 1 de novembro: Oração no Cemitério, às 17h30

- Terça-feira, 2 de novembro: Missa da Comemoração de Fiéis Defuntos, às 19h00

**RITO DO ENVIO DOS CATEQUISTAS** (Missa de domingo, às 19h00)

*Este texto pode ser integrado, no todo ou em parte, na homilia. Aqui pode ser dito, no todo ou em parte, de acordo com as circunstâncias. Inclui excertos da Mensagem para a Semana Nacional da Educação Cristã.*

P.Queridos e queridas catequistas: é tão antigo o vosso ministério, porque tão necessário à vida e missão da Igreja, desde as primeiras comunidades, que contavam entre os seus colaboradores com os mestres da fé (cf. 1 Cor 12,28-31). São Paulo recomenda aos Gálatas: «*Quem está a ser instruído na Palavra, esteja em comunhão com aquele que o instrui, em todos os bens*» (Gl 6,6).

Por isso, a comunhão de vida aparece como característica da fecundidade da verdadeira catequese dada e recebida. Não por acaso, o novo Diretório para a Catequese insiste tanto num aspeto da formação do catequista: o de *ser com*… reforçando assim a importância da relação e da comunhão com os outros na missão. Não podeis participar na missão da Igreja senão em comunhão com todos, numa verdadeira «aliança educativa», numa verdadeira pedagogia sinodal. Se é precisa uma aldeia inteira para educar uma criança, então, em vez de cada catequista cuidar apenas do seu grupo, devem, pelo contrário, ser os catequistas promotores da “aldeia global”, integrando e conjugando a sua atividade com todas os agentes envolvidos no processo educativo: a família, a paróquia, a escola, as associações desportivas e culturais, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), e outras. Cada uma destas instituições precisa de conhecer, apoiar e unir os seus esforços a todas as outras.

Para esta bênção, que precede o envio, inclinai o ouvido do vosso coração e todo o vosso ser.

**Bênção final** (Missa de domingo, às 19h00)

*O celebrante, voltado para os catequistas, conclui dizendo:*

P. Deus, que em Cristo manifestou a sua caridade e verdade,

faça de vós mensageiros do Evangelho

e testemunhas do seu amor no mundo.

R. Ámen.

P. Nosso Senhor Jesus Cristo,

que prometeu estar presente na sua Igreja até ao fim dos tempos,

confirme as vossas obras e as vossas palavras.

R. Ámen.

P. O Espírito do Senhor esteja sobre vós,

para que possais ajudar os ministros da sua palavra.

R. Ámen.

*Por fim, abençoa todos os presentes, dizendo:*

P. E a vós todos aqui presentes,

abençoe-vos Deus Todo-poderoso,

Pai, Filho ✠ e Espírito Santo.

R. Ámen.

**Envio e Despedida**

P. (ou Diácono)

Juntos por um caminho novo,

ide e escutai.

Ide e anunciai o que vistes

e ouvistes

e jamais podereis calar.

…

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R.Graças a Deus.

*Catequistas incorporam-se na procissão de saída.*

**BÊNÇÃO DA MESA | XXX DOMINGO COMUM B | 24.10.2021**

Guia: Senhor,

abençoai a nossa mesa

e saciai a nossa fome e a nossa sede.

Que esta mesa se torne espaço de encontro

e seja um tempo paciente de diálogo,

em que todos tenhamos o direito de falar

e o direito de ser ouvidos,

para caminharmos juntos, em família,

na alegria do Vosso Reino.

R. Ámen.

****

**OUTROS TEXTOS E HOMILIAS**

**XXX DOMINGO COMUM B**

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2018**

1. Mais um “sentado” à beira do caminho! Tem nome, Bartimeu, de pai conhecido, mas é cego e mendigo! Está sentado, mas não estacionado! Não vê, mas ouve! O desejo de cura põe-no aos gritos, como quem procura Jesus, pedindo misericórdia, um pouco de colo, uma carícia, um olhar, um afago, um embalo do coração. Muitos querem calá-lo. E Jesus passa e, quando Ele passa, tudo se transforma. Jesus manda-o chamar. Manda-o chamar precisamente através daqueles que o queriam calar, e que assim se tornam porta-vozes da sua vontade. A multidão de “*censuradores*” torna-se então um grupo de interlocutores, de animadores, de encorajadores: “*Coragem, levanta-te que Ele chama-te*”. Os que inicialmente impediam o cego de chegar a Jesus, convertem-se agora em mediadores, em facilitadores do encontro com Cristo.

2. E então dá-se um encontro pessoal entre Cristo e o cego. O cego, que quer ver, larga a capa do passado onde escondia as esmolas, e pede a Jesus: “*Mestre que eu veja*” (*Mc* 10,51). E Jesus não diz “*Vê*” (*Lc* 18,40), como era de esperar, mas diz-lhe simplesmente “V*ai*” (Mc 10,52), faz-te ao caminho, segue-Me. E ele, iluminado pela luz daquele novo olhar da fé, seguiu Jesus pelo caminho, com um novo horizonte, um rumo decisivo (cf. DCE 1). Assim Jesus acaba de dar à luz um discípulo! Este é o caminho luminoso do discípulo: ele reconhece a sua cegueira, anseia pela cura e procura Jesus, sem cessar; deixa-se encontrar por Ele, para depois o seguir pelo caminho, numa “*intimidade itinerante*” (EG 23).

3. Mas aqui está também a conversão de uma comunidade inteira, que não pode ser um *grupo de eleitos que olham para si mesmos* (EG 28), ou um grupo de murmuradores e desmoralizadores, que incutem desânimo e marginalizam quem porventura anda à procura de uma luz e se aproxima de Cristo. Todo o discípulo, chamado por Jesus, é *chamado a chamar outro*, a abrir caminho para outro, no mesmo caminho que faz com Jesus.

4. *Que queremos afinal nós ser?* Discípulos cegos e encobertos pela capa negra dos nossos interesses ou discípulos revestidos e iluminados pela luz de Cristo? *Que queremos afinal nós ser?* Discípulos estacionários, paralisados e paralisadores, ou discípulos missionários, irradiadores e mediadores da luz do Evangelho? *Que queremos afinal nós ser?* Uma comunidade surda, muda e cega, fechada e paralisada sobre si mesma, ou uma comunidade que atrai pela beleza e pela alegria, que sai ao encontro de quem anda à procura, que chama da periferia para o encontro com o Senhor, que toma a dianteira e convida, que envolve, anima, acompanha e encoraja?

5. Irmãos e irmãs: pelo Batismo, tornamo-nos filhos da luz (*Ts* 5,5). Não fomos iluminados (cf. *Heb* 10,38) para guardar a luz de Cristo na sombra dos nossos medos e preconceitos. Mas para ser luz (*Ef* 5,8) e fazer brilhar a luz sobre todos os outros, a começar pelos que estão nas periferias do Caminho!

*Pode concluir-se com esta oração, feita pelo Presidente ou por um leitor.*

«Ó Senhor, dá-me a Tua luz para que veja o Teu amor.

Dá--me um coração para amar-Te,

dá-me olhos para ver-Te,

dá-me ouvidos para escutar a Tua voz,

dá-me lábios para falar de Ti,

dá-me o gosto de saborear-Te,

dá-me o olfato para cheirar e exalar o Teu perfume,

dá-me mãos para tocar-Te

e dá-me pés para seguir-Te».

Bispo Tichon, 1783

**meditação em chave vocacional – semana dos seminários 2018**

“Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem convidado todo o cristão, em qualquer lugar e situação, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele e a procurá-l’O dia-a-dia, sem cessar” (Nota Pastoral de CEP 20 maio de 2018, nº 2).

Neste sentido, o texto que acabámos de escutar fala de um ‘mendigo cego’ que não desiste de chamar por Jesus. Um homem à beira do caminho que quer ser curado. Este desejo é determinante para estar atento e para estar desperto… à passagem de Deus. Quantas vezes não damos conta da sua presença? Quantas vezes deixámos de desejar o encontro com ele? Preferimos continuar nas nossas cegueiras, nos nossos comodismos, nas nossas seguranças e nas nossas rotinas. Queremos arriscar um ‘sim’ mas falta-nos a coragem.

Este ‘mendigo cego’ não desistiu. Este homem mesmo à beira do caminho, mesmo cego... gritou por Jesus. E Jesus ouviu-o. Jesus ouve sempre o nosso clamor e o clamor de todos os que esperam n’Ele. Jesus escutou o desejo, percebeu a sua vontade mais funda, ouviu o seu clamor mais profundo.

Na verdade Jesus passa sempre pela nossa vida, Jesus passa frequentemente pela nossa história... Uma e outra vez. Um Deus que atravessa ‘assim’ as nossas estradas é um Deus capaz de

atravessar a nossa vida… para a transformar. Entretanto, diz o texto, que os discípulos e a multidão insistiam para que o cego se calasse. Que estranho! Quantas coisas e pessoas nos afastam de Deus? Quantos ‘obstáculos’ nos impedem de responder positivamente? Medos, inseguranças, ‘vozes’ próximas, pessoas amigas, laços que nos prendem e nos impedem de caminhar. Mas Jesus para e diz aos discípulos: «chamai-o». Interessante! Jesus convoca o grupo a ser instrumento do seu chamamento. Tal como hoje Jesus convoca toda a comunidade a chamar. É na comunidade que nascem as vocações, é na comunidade que a vocação se descobre missão. O encontro pessoal com Cristo é mediado pela comunidade que é, toda ela, missionária. Com efeito, toda a comunidade é responsável pelo chamamento. Uma Igreja em ‘saída’ é, por isso, uma comunidade consciente da sua missão.

Na verdade, a vocação não é nem pode ser apenas uma decisão pessoal, não pode ser um gosto, um ‘ter jeito para’… A vocação é uma entrega, um serviço, um dar-se… que enriquece a comunidade e a sociedade. Entretanto, percebendo melhor o mandato de Cristo foram os próprios discípulos a dizer ‘coragem, vai ter com Jesus’. Quem antes dizia ‘cala-te’, agora diz ‘coragem’. Ou seja, a própria comunidade foi curada da sua ‘cegueira’, dos seus preconceitos, dos seus ‘modelos’.

Ele – diz o texto – ‘atirando fora a capa, deu um salto’ e foi ter com Jesus. A capa representava tudo o que tinha, as suas proteções e as suas seguranças… mas ele deixou tudo para ir ter com o Mestre. Vai e pede-lhe que o cure das suas cegueiras que o ‘deixam à beira do caminho a mendigar’. E Jesus cura-o dizendo ‘vai, a tua fé te salvou’.

E ele, ‘logo que recuperou a vista’, ‘seguiu Jesus pelo caminho’ – tornou-se discípulo. Colocou-se a caminho com os discípulos. Que cada um de nós peça a graça de ser curado das suas cegueiras para poder ser mais Seu discípulo. Que cada jovem que sinta o ‘apelo’ do Senhor possa ganhar coragem para ‘arriscar’ um sim.

**ORAÇÃO**

«Ó Senhor, dá-me a tua luz para que veja o teu amor. Dá- -me um coração para amar-te, dá-me olhos para ver-te, dá-me ouvidos para escutar a tua voz, dá-me lábios para falar de ti, dá-me o gosto de saborear-te, dá-me o olfato para cheirar o teu perfume, dá-me mãos para tocar-te e pés para seguir-te.» [Bispo Tichon 1783 - retratado na célebre figura do monge Zósima, de “Os irmãos Karamazov” de Dostoievsky]

**Bento XVI – *ANGELUS*, Domingo, 29 de Outubro de 2006**

No Evangelho deste Domingo (*Mc* 10, 46-52) lemos que, enquanto o Senhor passa pelas estradas de Jericó, um cego chamado Bartimeu se dirige a Ele gritando: "*Filho de David, Jesus, tende piedade de mim!*". Esta oração comove o coração de Cristo, que pára, manda-0 chamar e cura-0.

O **momento decisivo** foi o encontro pessoal, direto, entre o Senhor e aquele homem que sofre. Encontram-se um diante do outro: Deus com a sua vontade de curar e o homem com o seu desejo de ser curado. Duas liberdades, duas vontades convergentes: "Que queres que Eu te faça?", pergunta o Senhor. "Que eu recupere a vista!", responde o cego. "Vai, a tua fé te salvou". Com estas palavras realiza-se o milagre. Alegria de Deus, alegria do homem. E Bartimeu, vindo à luz, narra o Evangelho "*começou a* ***segui-lo no seu caminho***": isto é, **torna-se um discípulo e sobe com o Mestre a Jerusalém, para participar com Ele no grande mistério da salvação**.

Esta narração, na essência da sua sucessão, recorda o itinerário do catecúmeno rumo ao Sacramento do Batismo, que na Igreja era também chamado de "*iluminação"*.

A fé é um caminho de iluminação: parte da humildade de se reconhecer necessitados de salvação e chega ao encontro pessoal com Cristo, que chama a segui-l'O pelo caminho do amor. Sobre este modelo se orientam na Igreja os itinerários de iniciação cristã, que preparam para os sacramentos do Batismo, da Confirmação (ou Crisma) e da Eucaristia.

A redescoberta do valor do próprio Batismo está na base do compromisso missionário de cada cristão, **porque vemos no Evangelho que quem se deixa fascinar por Cristo não pode viver sem dar testemunho da alegria de seguir os seus passos.**

Neste mês de Outubro, compreendemos ainda mais que, precisamente em virtude do Batismo, possuímos uma vocação missionária conatural. Intimamente unido ao Senhor, cada batizado sinta o chamamento para anunciar a todos, o amor de Deus, com o testemunho da própria vida.

**Bento XVI, Audiência Geral, 17-10-2012**

Trata-se do encontro, não com uma ideia, nem com um projeto de vida, mas com uma Pessoa viva, que nos transforma em profundidade a nós mesmos, revelando-nos a nossa verdadeira identidade de filhos de Deus. O encontro com Cristo renova os nossos relacionamentos humanos, orientando-os no dia-a-dia para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor.

Ter fé no Senhor não é algo que interessa unicamente à nossa inteligência, ao campo do saber intelectual, mas é uma mudança que compromete a vida, a totalidade do nosso ser: *sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções e relacionamentos humanos.*

Com a fé muda verdadeiramente tudo em nós e para nós, e revela-se com clareza o nosso destino futuro, a verdade da nossa vocação no interior da história, o sentido da vida, o gosto de sermos peregrinos rumo à Pátria celeste.

Mas — perguntemo-nos — a fé é verdadeiramente a força transformadora da nossa vida, na minha vida? Ou então é apenas um dos elementos que fazem parte da existência, sem ser aquele determinante, que a abrange totalmente?

**Catecismo da Igreja Católica**

**1216.** «Este banho é chamado *iluminação,* porque aqueles que recebem este ensinamento catequético ficam com o espírito iluminado...». Tendo recebido no Batismo o Verbo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem» *(Jo* 1, 9), o batizado, «depois de ter sido iluminado» (Hb.10,38), tornou-se «filho da luz» (I Tes.5,5) e ele próprio «luz» *(Ef* 5, 8)!

**CURAR-NOS DA CEGUEIRA**

Que podemos fazer quando a fé se vai apagando dos nossos corações? É possível reagir? Poderemos sair da indiferença? Marcos narra a cura do cego Bartimeu para animar os seus leitores a viver um processo que pode mudar as suas vidas.

Não é difícil reconhecer-nos na figura de Bartimeu. Vivemos por vezes como «cegos», sem olhos para ver a vida como a via Jesus. «Sentados», instalados numa religião convencional, sem forças para seguir os Seus passos. Desencaminhados, «à beira do caminho» que leva até Jesus, sem o ter como guia das nossas comunidades cristãs.

Que podemos fazer? Apesar da sua cegueira, Bartimeu «toma conhecimento» que, pela sua vida, está a passar Jesus. Não pode deixar escapar a oportunidade e começa a gritar uma e outra vez: «tem compaixão de mim». Isto é sempre o início: abrir-se a qualquer chamada ou experiencia que nos convida a curar a nossa vida.

O cego não sabe recitar orações feitas por outros. Só sabe gritar e pedir compaixão porque se sente mal. Este grito humilde e sincero, repetido desde o fundo do coração, pode ser para nós o início de uma vida nova. Jesus não passará ao largo.

O cego continua no chão, longe de Jesus, mas escuta atentamente o que lhe dizem os Seus enviados: «Ânimo! Levanta-te. Estão a chamar-te». Primeiro, anima-se abrindo um pequeno resquício à esperança. Logo, escuta a chamada de levantar-se e reage. Por fim, já não se sente só: Jesus chama-o. Isto muda tudo.

Bartimeu dá três passos que vão mudar a sua vida. «*Atira o manto*» porque o estorva para se encontrar com Jesus. Logo, apesar de todavia se mover entre trevas, «*dá um salto*» decidido. Desta forma «*aproxima-se*» de Jesus. É o que necessitamos muitos de nós: libertar-nos de correntes que afogam a nossa fé; tomar, por fim, uma decisão sem deixar para mais tarde; e colocar-nos ante Jesus com confiança simples e nova.

Quando Jesus lhe pergunta que quer Dele, o cego não tem dúvidas. Sabe muito bem o que necessita: «*Mestre, que eu possa ver*». É o mais importante. Quando se começa a ver as coisas de uma nova forma, a sua vida transforma-se. Quando uma comunidade recebe a luz de Jesus, converte-se.

José António Pagola

**UM GRITO INCÓMODO**

Jesus sai de Jericó a caminho de Jerusalém. Vai acompanhado dos seus discípulos e mais gente. De repente ouvem-se gritos. É um mendigo cego que, da beira do caminho, se dirige a Jesus: «Filho de David, tem misericórdia de mim. A sua cegueira impede-o de desfrutar a vida como os outros. Ele nunca poderá peregrinar até Jerusalém. Além disso, fechar-lhe- -iam as portas do templo: os cegos não podiam entrar no recinto sagrado. Excluído da vida, marginalizado pelas pessoas, esquecido pelos representantes de Deus, só lhe resta pedir misericórdia a Jesus.

Os discípulos e seguidores irritam-se. Aqueles gritos interrompem a sua marcha tranquila para Jerusalém. Não podem escutar   
em paz as palavras de Jesus. Aquele pobre incomoda. Há que calar   
os seus gritos. Por isso «repreendiam-no para o fazer calar». A reação de Jesus é muito diferente. Não pode continuar o seu caminho ignorando o sofrimento daquele homem. «Jesus parou», faz com que todo o grupo pare e pede-lhes que chamem o cego. Os seus seguidores não podem caminhar atrás dele sem escutar os chamamentos dos que sofrem.

A razão é simples. Di-lo Jesus de mil maneiras, em parábolas,   
exortações e máximas soltas: o centro do olhar e do coração de Deus são os que sofrem. Por isso Ele os acolhe e se volta para eles de maneira preferente. A sua vida é, antes de mais, para os maltratados pela vida ou pelas injustiças: os condenados a viver sem esperança.

Incomodam-nos os gritos dos que vivem mal. Pode irritar-nos encontrá-los continuamente nas páginas do evangelho. Mas não nos é permitido «mutilar» a sua mensagem. Não há Igreja de Jesus sem escutar os que sofrem. Estão no nosso caminho. Muito perto de nós ou mais longe.   
Pedem ajuda e compaixão. A única postura cristã é a de Jesus diante  
do cego: «*Que queres que te faça?*». Esta deveria ser a atitude da Igreja **perante** o mundo dos que sofrem: *que queres que faça por ti?*

JOSÉ ANTÓNIO PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus. Marcos*. Ed. Gráfica de Coimbra, 2, pág. 182

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2015**

**1.** Um cego que vê, como mais ninguém. Um cego que nos faz ver, a pior cegueira, e que nos acorda, aos gritos, da nossa surdez. Eis um mendigo, que nos incomoda, porque nos faz ver a outra face da vida, a face obscura, a face que nunca gostaríamos de ver, porque nos desassossega e mete medo…

**2.** O evangelho de hoje faz-nos ver assim tanta coisa, que o melhor é ficar apenas por uma. E, então, fixemo-nos precisamente neste grito incómodo de um pedinte, sentado à beira do caminho. Ele grita duas vezes, porque não fala. Grita porque está longe, na periferia do caminho, para Jerusalém, e quer ser ouvido. A sua cegueira impede-o de desfrutar a vida como os outros. Excluído da vida, marginalizado pelas pessoas, esquecido pelos representantes de Deus, que lhe impediam o acesso ao templo, só lhe resta pedir misericórdia a Jesus: «*Filho de David, tem misericórdia*», como quem diz: *faz-me graça, acaricia-me, embala-me, sorri, sofre comigo, como uma mãe, com entranhas de misericórdia*.

**3.** Os discípulos e seguidores irritam-se. Aqueles gritos interrompem a sua marcha tranquila para Jerusalém. Não podem escutar, em paz, as palavras de Jesus. Aquele pobre incomoda. Há que calar os seus gritos. Por isso «*repreendiam-no para o fazer calar*». Mas a reação de Jesus é muito diferente. Não pode continuar o seu caminho, ignorando o sofrimento daquele homem. «*Jesus parou*», fez com que todo o grupo parasse e pediu-lhes que chamassem o cego. Os seus seguidores não podem caminhar atrás d’Ele sem escutar os gemidos e lamentos do que sofrem, porque o grito dos pobres é o clamor de Deus. Na verdade, o centro do olhar e do coração de Deus são os que sofrem. Por isso Jesus os acolhe e se volta para eles, de maneira preferencial.

**4.** No Ano da Misericórdia, somos desafiados, a não desviar o nosso olhar dos pobres, a acordar para o seu grito, para o seu lamento. Pode irritar-nos encontrá-los, continuamente, nas páginas do evangelho, e tropeçar neles, à beira do caminho. Mas não nos é permitido «mutilar» a mensagem do evangelho, nem abafar o seu grito. Não queremos nem devemos simplesmente dar-lhes aquela esmola, que os mantem à nossa distância, cativos da sua dependência ou paralisados pelo rendimento mínimo. Mas não podemos fazer orelhas moucas, ao grito incómodo dos que vivem mal, daqueles a quem falta o necessário e a quem é preciso oferecer misericórdia, para que possam largar a capa da indigência, dar um salto qualitativo e prosseguir por um caminho novo, numa vida nova. Não há Igreja de Jesus, sem este «parar para ver», para escutar e responder, com gestos concretos, aos que mais sofrem. Eles estão no nosso caminho, perto e longe de nós. Pedem ajuda e compaixão. A única postura cristã é a de Jesus diante do cego: «*Que queres que te faça?*». Esta deveria ser a atitude da Igreja, de cada paróquia, de cada paroquiano, perante os pobres e os que sofrem: «*que queres que eu faça por ti*»?

1. Irmãos e irmãs: durante este «Ano da Misericórdia» iremos sinalizar o primeiro domingo do mês, numa das missas dominicais, com o ofertório em géneros, para ajuda a nossa conferência vicentina e mar solidário, na missão da Igreja, que diz respeito a todos: ajudar e acompanhar as famílias mais carenciadas e feridas. Temos 62 famílias, que dependem da nossa generosidade, para viver com o mínimo de dignidade: onze delas, com um só membro; 40 com duas ou três pessoas do agregado familiar e cerca de 11 com 4 ou mais pessoas. Não poderíamos encontrar grupos de duas ou três famílias, que se associassem, para «apadrinhar» uma família, oferecendo, mensalmente, o seu cabaz em géneros ou em dinheiro? Não será esta iniciativa uma bela forma de dar cumprimento ao sínodo sobre a família e ao Ano da Misericórdia?!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2012**

***“Deu um salto e foi ter com Jesus” (Mc 10,50!***

Este sim, é um verdadeiro salto vital, um salto de qualidade na fé, um passo em frente, na adesão a Cristo, Único Salvador. Podemos mesmo ver, nos passos da cura deste cego, o nosso próprio caminho da fé, desde o seu desejo de ver a Deus, até chegar à fonte da luz, que o ilumina, desde o batismo. À luz, deste luminoso passo da Escritura, vejamos os três passos fundamentais, no caminho da fé cristã:

**1.** Para chegar a fé, é preciso, em primeiro lugar, reconhecer, diante de Deus, que sou “*um infeliz, um miserável, um pobre, cego e nu*” (Ap.3,17). É preciso gritar, como aquele cego, e desde o mais fundo de mim mesmo, uma e outra vez: *“Jesus, filho de David, tem piedade de mim*”. É esta oração que comove o coração de Cristo, que então para, manda chamar o cego e o cura. Assim se vê, que sem a humildade, de **quem se reconhece necessitado de salvação**, não é possível chegar à fé, que nos salva. Como vos escrevi na Carta Pastoral, “*a fé salva-me, na medida em que me cura de uma vida centrada e apostada em Mim, e me leva a abrir o coração, a um Deus, que é maior do que eu*” (Abri os corações, n.10). Isso mesmo o atesta a cena do evangelho, que nos fala precisamente de uma fé “*que nos liberta da ideia de que nos fazemos ou salvamos sozinhos. Dizer que é «a fé que nos salva», significa dizer que «não sou eu, com as minhas virtudes pessoais, que posso merecer ou conquistar a salvação. Sou salvo por um Amor, que é maior do que o meu pecado e maior do que o meu coração»”* (Ibidem).

**2.** Mas, para chegar à fé, é preciso, depois, ter a coragem de sair da berma do caminho, para chegar ao **encontro pessoal com Cristo**. Isto implica liberdade para *atirar fora a capa*, que nos esconde as misérias, e disponibilidade, para responder e corresponder à Palavra de Cristo, que me chama. Na verdade, o momento decisivo da fé é o encontro pessoal e direto entre o Senhor e aquele homem que sofria. Encontram-se um diante do outro: Deus, com a sua vontade de curar, e o homem, com o seu desejo de ser curado. Duas liberdades, duas vontades convergentes: "*Que queres que Eu te faça?", pergunta o Senhor. "Que eu recupere a vista!", responde o cego. "Vai, a tua fé te salvou*". Com estas palavras realiza-se o milagre, que faz brotar, da alegria de Deus, a alegria do homem. Aqui se vê que a fé é verdadeiramente um dom de Deus, uma graça (cf. CIC 153) mas é também «*um ato autenticamente humano*» (CIC 154), pelo qual o homem, de modo livre e inteligente, confia em Deus e adere à sua Palavra. Aqui se vê, e mais uma vez, que “*no início do ser cristão, não há uma decisão moral ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá à vida um novo horizonte e um rumo decisivo*” (DCE 1).

**3.** A fé traduz-se, por fim e sempre, num **caminho de seguimento de Jesus**, tal como o de Bartimeu, que vindo à luz, "*começou a seguir Jesus no seu caminho*": isto é, torna-se um discípulo, e sobe com o Mestre a Jerusalém, para participar com Ele no grande mistério da cruz, da morte e da ressurreição. A fé torna-se então, e para sempre, uma “***companheira de vida****, que nos permite perceber, com* ***um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós****”* (PF 15). Por isso, quem se deixa fascinar por Cristo, quem foi iluminado por Ele no batismo (Heb 10,38) não pode viver, sem dar testemunho da alegria de seguir os seus passos, sem anunciar a todos, o amor de Deus, com o testemunho da própria vida. Posto isto, valia a pena ficarmos em silêncio e respondermos à pergunta do Papa, na sua primeira catequese, sobre o Ano da fé: “*a fé é verdadeiramente a força transformadora da minha vida? Ou é apenas um dos elementos que fazem parte da existência, sem ser aquele determinante, que a abrange totalmente*”?

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2009**

**“Tu és sacerdote, para sempre”!** (Heb.5, 6)

**1.** Partiu, a meio desta semana, para a casa do Pai, o meu querido pároco, no dia em que completava 40 anos de serviço, nas paróquias de Eiriz (minha terra-natal) e de Sanfins. Esteve comigo, sempre. Estive com ele, sempre. Acompanhei-o, é certo, e mais de perto, durante um mês completo, ajudando-o, nesta sua última subida, que fez de olhos praticamente fechados, no seu caminho, de Jericó para Jerusalém! À medida que o seu corpo se debilitava e se prostrava, eu sentia que era esta a última estação da sua via-sacra, e que a Cruz consumava agora toda a sua obra, até chegar, com Cristo, ao dom supremo da sua própria vida! Ele estará para sempre comigo e na vida de todos aqueles que foram agraciados, ao longo de tantos anos, pelo dom da sua solicitude pastoral.

**2.** Fecharam-se então os seus olhos, para agora, na luz ver a luz. E faz-se luz, cada vez mais luz, sempre que fecho os meus olhos e deixo percorrer, pelas veias da memória, palavras, gestos, acontecimentos, alegrias, aborrecimentos, diálogos, confrontos, risos e passeios, sentimentos, mas sobretudo a celebração dos sacramentos. Os sacramentos são essas sete grandes maravilhas, que assinalam, com o selo de Deus, o mapa da nossa vida! De facto, um padre, mais ainda um pároco, faz parte da nossa biografia; tem lugar certo nos álbuns de família e nenhum de nós contará toda a sua história, sem se referir a ele. As marcas, que nos deixa, são marcas de Deus, e, por isso, são marcas para sempre. E porque o Padre é “sacerdote para sempre”, também para sempre ficará junto do Pai a interceder por nós!

**3.** Penso em todas estas coisas, ao ler e reler a Carta aos Hebreus, que nos era proposta, na segunda leitura deste Domingo. Falava-nos da novidade e da superioridade do sacerdócio de Cristo. E dele se dizia, que todo o «*sumo-sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído, em favor dos homens, nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios*». Olhemos então para o ministério sacerdotal e perguntemo-nos: que dons nos oferece o Padre? São dons de Deus, são dons eternos, são sempre dons para sempre! As obras das suas mãos não são produtos precários, fortunas expostas à incerta sorte das coisas humanas. Celebrando os santos mistérios, particularmente a Reconciliação e o sacrifício eucarístico, o Padre oferece às pessoas a graça de entrar na vida eterna, oferece-lhes a comunhão com Jesus, abre-os à participação na vida de Deus.

**4.** O Santo Cura d’Ars, cujos 150 anos da sua morte motivaram a celebração deste Ano sacerdotal, falava do sacerdócio, como se não conseguisse alcançar plenamente a grandeza do *dom* e da *tarefa* confiados a uma criatura humana:

«*Oh como é grande o padre! (…) Se lhe fosse dado compreender-se a si mesmo, morreria.* (…) *Deus obedece-lhe: ele pronuncia duas palavras e, à sua voz, Nosso Senhor desce do céu e encerra-se numa pequena hóstia*». E, ao explicar aos seus fiéis a importância dos sacramentos, dizia: «*Sem o sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem O colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar a sua peregrinação? O sacerdote. Quem a há-de preparar para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E se esta alma chega a morrer, por causa do pecado, quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote. (…) Depois de Deus, o sacerdote é tudo! (…) Ele próprio não se entenderá bem a si mesmo, senão no céu*», dizia o Cura d’Ars.

Estas afirmações, nascidas do coração sacerdotal daquele santo pároco, podem parecer excessivas, mas ajudam-nos a ver o essencial do ministério do padre. Com isso, não ignoramos que também «*o sacerdote está revestido de fraqueza*», a ponto de levar o mesmo santo pároco a dizer: «*se compreendêssemos bem o que um padre é sobre a terra, morreríamos: não de susto, mas de amor*”!

**5.** De facto, o Padre, no fim da sua vida, olhando para dentro de si, poderá encontrar arrependimento, pelas suas misérias e entristecer-se, pelos seus erros e pecados, pela sua inadequação à comunidade, mas não lhe faltarão as incomparáveis consolações, de ter aberto os olhos e o caminho da fé, e de ter oferecido aos homens o abraço do perdão de Deus e o pão da vida eterna.

Numa palavra, o Padre, a quem Deus diz, continuamente, “*Tu és sacerdote para sempre*” ficará para sempre na nossa vida, não apenas pela memória agradecida, do que fez por nós, mas porque sempre nos dá, de Deus, os seus dons eternos! E esses, não passam com o tempo; são, como a graça do sacerdócio, uma maravilha de Deus, uma alegria, de sempre e para sempre!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2006**

**I.** *Pior cego é o que não quer ver!* Mas este é um cego que a todos abre os olhos! A sua história é uma quase uma parábola, ao vivo, sobre *o caminho da fé*, que nos ilumina o coração e nos levanta do chão para seguir Jesus. Também podia ser uma *parábola sobre a virtude da esperança*, que vence todos os obstáculos. Mas hoje, que celebramos o *Dia da Sociedade de São Vicente de Paulo*, vamos acolher a luz que esta cena projecta sobre a *prática da caridade*, que é aliás a ideia-chave do nosso programa pastoral.

**II.** Comecemos então, de uma maneira simples, por abrir os olhos, para os diversos personagens do evangelho. Eles ajudam-nos a encontrar luz para a verdadeira caridade cristã, praticada hoje pela Igreja:

**1.** Olhemos, em primeiro lugar, para **o cego!** Ele está à beira do caminho a pedir esmola, ali atirado a um canto; sentado, o mesmo é dizer, acomodado, instalado, habituado, dependente. Cego, vive privado de luz e de liberdade. Não via e era mal visto. Por todos considerado um impuro, não tem qualquer direito a participar na vida religiosa e social da sua comunidade. Tinha ainda por cima a suprema infelicidade de não poder ler os livros da Lei. É assim um perfeito marginal. Sem acesso à sociedade, ao culto, à cultura. Todavia, renasce nele, pela luz da fé, uma última esperança. Então, volta-se para Jesus e grita uma e outra vez, na esperança de ser curado pelo Messias. Mas curiosamente este pedinte não pede esmola, para perpetuar a sua condição. Pede compaixão. Pede misericórdia. Mais do que pedir, ele larga o pouco e o tudo que tem, a sua capa, único sinal da sua pobreza e de toda a sua riqueza. De frente a Jesus, *ele pede para ver*. E se pede para ver, - está visto - é para, de imediato seguir Jesus, seu Mestre, pelo caminho da Vida.

**2.** **E Jesus**, como pratica a caridade com este cego pedinte? Não lhe oferece a esmola, para resgate de consciência! Jesus sabe que a esmola, para dar nas vistas, cega quem a dá e humilha quem a recebe! A caridade de Jesus começa pela sua compaixão. E a sua compaixão manifesta-se na proximidade, na sua *capacidade de ouvir* o grito de miséria e o apelo de misericórdia, quando outros a querem abafar. Depois Jesus manda-o chamar. Vê-o ali, diante de si, *pobre, cego e nu*. E, nesse encontro, Jesus dialoga e faz perguntas, como quem quer ver e conhecer a fundo a situação do pobre homem e a sua real necessidade. Fá-lo então dizer o que é óbvio, mas somente para que o pobre se aperceba da sua imensa riqueza. Jesus abre-lhe então os olhos. E o cego recupera a vista e segue Jesus, agora por outro caminho, guiado doravante pela luz da fé.

**3. E a multidão?** Parte dela, permanece insensível e irritada; prefere não ver, nem ouvir, para não ser incomodada. Pior: estorva e quer impedir o encontro entre o pobre cego e Jesus. Mas há ainda a melhor parte, aquela que a faz a ponte entre Jesus e o cego. Chama por ele e infunde-lhe coragem.

**III.** Irmãos e irmãs. “*Pobres sempre os tereis*”, a pedir, sem se calar, ou calados pelo ruído do nosso bem-estar! Como Jesus, também nós diremos: «*que queres que eu te faça?».* Talvez os pobres, os que hoje não têm acesso à luz eléctrica, ou à luz do conhecimento, ou à luz da fé, à luz da esperança, ou à luz do amor, nos ensinem um breve Decálogo da Caridade. Deixemos que este cego ilumine o nosso caminho. Ele diz a cada um de nós:

1. «*Tem compaixão de mim»*! Sofre comigo. Sofre por mim. Compadece-te. Move-te e comove-te. Antes de abrires a mão, abre o teu coração!
2. Depois, começa por inclinar o teu ouvido ao grito da minha miséria. Escuta-me atentamente. Conhece-me pelo meu nome, aprende de cor a minha história.
3. Se tens olhos e vês, olha para mim; e não dês esmola, de esguelha, para não veres mais e fugires de mim.
4. Conversa comigo. Tenta saber o que realmente me faz falta! Quem sabe eu precisarei somente de quem me encoraje.
5. Não me dês nada, de mão beijada. Isso é coisa dos ricos. Compromete-me a mim, na solução do meu problema, mesmo que eu próprio tenha de dar o meu quase nada, que é afinal tudo o que tenho.
6. Compromete também os outros, pois também te sentirás pobre e incapaz de resolver, sozinho, todo o meu problema.
7. E não julgues que estou curado, só por estar resolvido, de imediato, o meu problema. Abre-me também os olhos, ensina-me a viver, a trabalhar e a comer, a ser limpo e a poupar.
8. Mas sobretudo encaminha-me para lugares certos. Porque o número de cegos que me querem guiar, levar-me-ão a cair de novo com eles e então será “de caixão à cova”.
9. Quero viver na Luz. Se és cristão, mostra-me a tua fé, conduz-me a Jesus e ao seu Amor. Talvez não saibas, mas “*a falta de Deus é a raiz mais profunda de todo o meu sofrimento*” (cf. DCE 31).
10. Aquele amor divino é a luz que ilumina este nosso mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir. Vive esse amor de Deus “*e deste modo, farás entrar a Luz de Deus em mim e neste mundo*” (DCE 39)

… Ah, tenho um último segredo para te contar, disse o cego: «*Só se vê bem com o coração*». Sim, disse eu, razão tem o Papa, ao apontar o programa do cristão: *«um coração que vê onde há necessidade de amor e actua, em consequência*» (DCE 31). Só não vê quem quer! *Pior cego…*

**LER AO OFERTÓRIO**

**NOTA SOBRE A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)**

Celebramos hoje o Dia da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) fundada em Paris, em 1833, pelo advogado francês Frederico Ozanam, sob a invocação do Patrono da Caridade, São Vicente de Paulo.

A SSVP é uma organização católica de leigos que privilegia a visita domiciliária acompanhando dezenas de milhares de pessoas em situação de doença, marginalidade, com carências económicas ou vítimas de solidão, nomeadamente, crianças com problemas, toxicodependentes e suas famílias, prostitutas, reclusos e suas famílias, desempregados, idosos e membros de minorias étnicas. Para além dessa actividade domiciliária ainda dirige e mantém lares e centros de dia, infantários e colónias de férias.

Neste momento a SSVP desenvolve vários projectos, de que se destacam, entre muitos outros, a Casa Ozanam em Santa Maria da Feira, o Lar de Idosos de Estremoz, a Casa Pedro Frassati em Lisboa para receber tetra e paraplégicos e o Projecto Irmão, uma acção missionária de trabalho vicentino. A SSVP em Portugal tem cerca de 12.000 membros distribuídos por 1000 Conferências. Estas Conferências encontram-se associadas por 22 Conselhos Centrais.

Em São Gonçalo, temos uma Conferência, cuja história e missão, podeis ler na folha dominical. O Ofertório de cada Missa devia ser a expressão concreta da caridade com o próximo. Eis porque são os nossos vicentinos hoje que estendem a mão.

Homilia no XXX Domingo Comum B 2003

**1.** Não está escrito em *Braille*, para cegos, que nem é preciso. Qualquer cego vê “clarinho como a água” o que se passa naquela berma da estrada, ao ouvir uma descrição tão viva deste feliz encontro com Jesus. Diríamos que, propositadamente, o evangelista, nos oferece um “filme de acção”, sem legendas, em que o som e o movimento definem a imagem e se sobrepõem à palavra.

**2.** Retomemos, porque vale bem a pena, *o fio da acção*: Jesus sai de Jericó, rumo a Jerusalém. Segue-o numerosa multidão, tendo em vista não se sabe bem o quê. Pelo caminho, Jesus já tinha perdido o jovem rico. E até os seus discípulos pareciam cegos pelo poder, que lhes podia cair em breve nas mãos. Por ironia, há um cego, sentado, nas margens do caminho, que espera e vê a oportunidade da sua vida. Quando Jesus passa, tudo se transforma. E desponta nele uma luz interior, que o faz ver claramente a sua miséria humana, diante da grandeza divina de Jesus. Desse Jesus, a quem ele clama e aclama, como “Filho de David”, como o Messias e Libertador. A multidão, de olhos arregalados, não vê nada nem deixa ver ninguém. Esconde e cala. Jesus, ao contrário, compadecido diante da dor e da miséria humanas, detém-se, onde os outros querem avançar. E manda chamar o cego. Há ainda no meio da confusão quem dê uma mão: «*Coragem. Levanta-te, que Ele está a chamar-Te*». Se o jovem rico não foi capaz de largar mão de todos os seus bens, este pobre *larga a capa*, atira fora o pouco que tem, como quem se desprende do passado e dá um salto para o futuro. Um salto vital. Um passo em frente, que aí vem gente!

Jesus pergunta-lhe «*que queres que eu faça por ti*», como quem pergunta a um cego se quer ver: ver primeiro a necessidade da cura e depois a responsabilidade por ela. O Homem quer mesmo ver. Por que viu a face de Deus no rosto de Cristo, quer ver agora a imagem de Deus no rosto dos irmãos. «*Mestre, que eu veja*». «*Que eu veja»* para lá das pressões. «*Que eu veja»*, para lá das impressões, «*Que eu veja»,* para lá das expressões. «*Que eu veja*», o sentido e a meta da minha vida. Que eu veja o caminho a seguir. «*Ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho*». Tornou-se ali discípulo, a quem o Senhor abriu os olhos, para curar a cegueira dos que julgavam ver.

**3**. Por certo, cada um de vós estará a ver e a rever-se naquela cena. Perante a Palavra, estamos sempre como que diante de um espelho, onde se reflecte a nossa imagem. E uns ver-se-ão naquela margem, talvez meio perdidos, quiçá na esperança de alguém que um dia os veja e faça ver. Outros sentir-se-ão passar “despercebidos” no meio de uma multidão, que não vê nem os deixa ver. A outros o grito do cego traduzirá a confissão da sua fraqueza e o desejo da sua fé. Mas no centro de tudo está Jesus, que se detém, que se compadece, que nos levanta do chão, que nos abre os olhos e nos põe e nos guia no caminho da vida.

**4.** É este, de facto, o desafio que se coloca agora à nossa comunidade. O de «*largar a capa*» e o hábito, o velho e o costume, as ideias feitas e desfeitas, para dar «*o salto*» de qualidade, que se nos pede. Maior atenção a todos, a começar pela atenção de cada um, pela atenção a cada um. Novas formas de ser, de estar e de fazer comunidade. Com novos recursos, mas sobretudo com olhos novos. Esta é a estrada que nos leva a Jerusalém, à cruz e, por último, à luz.

# Homilia no XXX Domingo Comum B 2000

1. Não O conhecia de vista... que era cego. Mas ouvira já falar de um certo Jesus de Nazaré, que por ali passava. E viu “*claramente visto*” que aquela era a sua hora, a oportunidade da sua vida. Então começou aos gritos, a ver se abria os olhos de todos quantos o queriam *ver pelas costas*. Até que Jesus o chamou. Finalmente encontrava, no caminho da Cruz, alguém de olhos abertos e puros... por sinal um pedinte que via e sabia que Ele era o Messias, o Filho de David. Jesus chamou-o para uma pergunta simples e ele deu-Lhe uma resposta evidente. «*Mestre, que eu veja*». E porque acreditou, viu! Viu não apenas o rosto de um homem bom, mas a face de um Deus de misericórdia! Viu não apenas o palmo de terra que pisava, mas a luz da esperança e o caminho do futuro. *Recuperada a vista*, *seguiu Jesus no caminho...* enquanto outros cegos, de tanto ver, ou de tanto saber, ou de tanto ter, ficavam pelo caminho, na escuridão dos seus pesados corações!

2. O pedido do cego «*que eu veja*» é hoje a nossa grande obsessão. Queremos ver tudo e tudo à mostra. Espiar tudo... e tudo a céu aberto. Espreitar tudo e tudo à vista de todos... «Os pecados públicos e privados procuram um novo confessor: câmaras e microfones que devem estar sempre dispostos a captar cenas e sons de gritaria, raiva, infidelidade, facada, tiro, arrombamento, assalto” *(Pe. António Rego)*.

3. Vivemos, de facto, num século de impudor. É o amor carnal apresentado nos ecrãs e revistas sem o mínimo respeito pelas pessoas e pelo olhar dos outros; é o sofrimento e mesmo a morte, de um homem público ou de uma pessoa anónima, a entrar em directo pela televisão. Tudo é imediatamente projectado com violência diante do olhar, sem crescimento, sem preparação, sem eflorescência, sem maturação.

Esta indiscrição indecorosa mostra que perdemos esse sentido tão demorado a adquirir, o sentido do mistério e da iniciação, tão necessários para tudo o que diz respeito à íntima profundidade, como o sofrimento e o prazer, a vida e a morte, o sexo e o amor. Foi-se embora o sentido da confidência, da vida privada, da escrita íntima. Falta-nos o justo intervalo entre o desejo e o prazer. Não há mais o prazo e a demora entre o germinar dos instintos e o desabrochar dos afectos. Perdeu-se o pudor, o pudor exigido pela pureza de coração e ensinado até pela própria natureza.

4. Ela criou gérmenes, invólucros, tegumentos, prazos, redes protectoras... para nos fazer chegar ao sabor e à beleza das coisas, sem pressa e sem devassa. Estes gérmenes estão em repouso, resguardados, na solidão, em segurança. Devem ser lentamente acabados. Escondendo as essências mais puras, devem evitar um contacto rápido e directo... sob pena de morrerem, para só depois e, de repente, desabrocharem. Neste sentido, o pudor guarda o nosso espírito que iria muito depressa, que desfrutaria demasiado cedo se o deixassem agir. E perderia o gozo da beleza no fruto amadurecido!

5. Eis porque se impõe de novo o cuidado do pudor, a guiar os olhares e os gestos, para se “*recuperar de vez a vista*”. Isso implica protegê-la do excesso da curiosidade malsã, da indiscrição no vestuário, da devassa da intimidade, que fere tanto a dignidade de quem vê, como o respeito por quem é visto. A luz quando dá nas vistas cega mesmo!

Por isso, “felizes os puros de coração, porque esses verão a Deus” (Mt.5,8)! Disse Jesus. E mesmo assim, muitos, antes d’Ele, precisaram de cobrir o rosto com um véu, para ver a Deus e não morrer no excesso luminoso da sua glória! (Ex.3,6;33,18-23;I Re.19,13). Na verdade, ficamos cegos... muito mais depressa pelo excesso de imagens e de luz... do que pela sua falta ou demora. Talvez seja preciso fechar os olhos para recuperar a vista e começar a ver!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 1997**

À beira do caminho, um cego entregue à sua sorte! Tão conhecido e tão esquecido! Ali, à margem, um pobre mendigo o olhar cego da multidão, que o não quer ver! Não vê. Mas ouve os passos surdos dos peregrinos em marcha para Jerusalém! Sente próximo Jesus de Nazaré que por ali passava. Não lhe vê o rosto, mas vê-se iluminado por uma esperança que o possuía. Era como se, de repente, um raio de luz lhe atravessasse o coração, e lhe recuperasse o brilho nos olhos da sua alma. Viu. Viu que era a oportunidade da sua Vida. Viu que era a salvação. Viu ali, quase a seus pés, o Filho de David, o Messias, o Salvador do Mundo. O silêncio imposto e impostor da multidão não abafavam mais o seu grito de fé. Tão forte, que Jesus o manda chamar! O cego bem tinha visto...não o rosto de um tal nazareno, mas a face de um Deus próximo de quantos O invocam. Viu ao longe e primeiro que ninguém! Não queria mais saber da esmola. Capa fora, longe o passado! E o salto para o futuro. A pergunta de Jesus parece descabida. «Que queres que eu te faça?» - «Que eu veja, Mestre!» É perguntar ao cego se quer ver?! Ele recuperou a vista! E deixou a berma do caminho, para seguir Jesus e subir com Ele, disposto a tudo, até à Cruz, em Jerusalém...

À beira deste caminho, pode estar cada um de nós. Sentados na pedra fria da sua triste sorte! Atirados para as margens do mundo, apertados pela multidão que sufoca o grito da nossa miséria! Somos este cego, que não se vê senão parado por entre passos perdidos ou jardins proibidos. Somos este cego, a quem o mundo dá de esmola uma vida sem futuro. Somos talvez este cego, que não vê saída nos becos estreitos da sua desgraça. Nem vê destino no caminho difícil de uma existência sem glória. E seremos ainda este cego, quando não vemos, nem a luz ao fundo do túnel, nem sol que nos oriente.

É, pela beira deste caminho, que Jesus passa. Passa um dia, por ali, onde não contamos. À hora que não esperamos. E traz no rosto a luz da sua esperança. O brilho do seu olhar, a graça da salvação. É preciso então criar distância, como o cego, para ver ao longe! Fechar os olhos distraídos pelo acessório, para ver o essencial. Criar distância, para fugir do barulho e ouvir o rumor dos seus passos. E poder gritar com toda a força, pela sua misericórdia! «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» E deixar-se então iluminar pela luz da fé, que atravessa a noite escura da nossa vida e da nossa cruz.

Que a força do hábito não nos cegue o olhar, quando, de surpresa, o Senhor vier ao nosso encontro. Que a paixão desordenada pelas coisas, que nos sufocam, não nos feche os olhos à miséria do que somos e à grandeza do próximo. Que o funil estreito da nossa razão, não nos cegue os olhos do coração. Que o caminho duro da Cruz não nos faça desistir de procurar a Luz! E que a Luz da fé nos permita reconhecer o Senhor que passa, pela beira do nosso caminho!

# Homilia no XXX Domingo Comum B 1994

# Iam de olhos abertos sem ver no horizonte a cidade da Cruz. Caminhava uma multidão, guiada não sei por que esperança! Era uma multidão que ia atrás de Jesus. Sem ver bem o sentido e o fim do caminho. E, no caminho, iam também os discípulos. Deles já sabemos como estavam cegos e nada entendiam. Deles já sabemos que não viam mais que o sonho de um poder glorioso ou o desejo de uma vida fácil. E até sabemos de muitos que ficaram pelo caminho... Por ironia, na berma do caminho, um cego pedinte que vê melhor do que ninguém. Eis um homem, à margem da vida, certo de que sozinho ou à sua custa, lhe era impossível viver e caminhar. Ao ouvir dizer que um certo Jesus de Nazaré por ali passava, começou a gritar. Vendo que não via, que estava cego, vira em Jesus mais que um homem, vira n’Ele a figura do Messias esperado. Sem os olhos da carne, ele estava já perto da Luz e começou a gritar com toda a força: «*Jesus, filho de David, tem piedade de mim*»! A multidão anónima e cega queria-o calar. Mas ele gritava cada vez mais. E é então o próprio Jesus a querer vê-lo, primeiro. Toma a iniciativa do apelo e liberta-lhe os movimentos. E acontece depois o encontro pessoal, o diálogo, sob o olhar da fé. «*Naquele instante, ele recuperou a vista e seguia Jesus pelo caminho*», ele que, sem os olhos da cara, tinha iluminados os olhos do coração. Ele se tornara discípulo, homem iluminado por uma nova luz, guiado por uma outra esperança. «*A tua fé te salvou*»!

O contraste não podia ser maior. Tão perto de Jerusalém, o cego de Jericó está ali para pôr à luz do dia a cegueira dos discípulos e da multidão. Ele viu o que os discípulos não viram. Nele se revela o itinerário de todo o homem que se queira tornar discípulo. Um itinerário em quatro etapas: Sentir-se pobre e cego, manietado e sem pernas para andar. E assim reconhecer-se necessitado da Luz e da Vida, *eis o primeiro passo*.

Deixar-se atrair por Jesus, confiar-se a Ele, é já abrir-se ao dom da fé. *Eis o segundo passo*.

Encontrar-se, depois, pessoal e intimamente com Jesus, escutá-lo e descobrir n’Ele a Luz, é já corresponder ao dom recebido. A capa largada e o salto em frente são sinónimos de uma vida que se abandona e de outra que se abraça. *Eis o terceiro passo*.

Por último, «*seguir Jesus no caminho*», partilhar com Ele o caminho da Cruz, pôr-se em movimento, orientado por um sentido novo, eis a confirmação final de um discípulo acabado agora de ser dado à luz...

Diante desta Palavra, é também a nossa cegueira que se põe a descoberto. Julgo mesmo que o nosso itinerário de fé esbarra logo na primeira etapa. Pois falta-nos, sobretudo, reconhecer a nossa cegueira, falta-nos a humildade de quem não vê nem sabe nem pode... Se não nos reconhecemos cegos, necessitados de luz, falha então a condição essencial para nos deixarmos iluminar pela luz de Deus. Somos, por defeito e tradição, gente que se julga iluminada. À sombra de um passado de luz e glória, encontramos refúgio para a nossa presente ignorância. As ideias do partido, a camisola do clube, os hábitos adquiridos ou os respeitos humanos, são uma espécie de capa atada do nosso orgulho que não temos fácil liberdade em sacudir. Instalados nesta cegueira, estamos impedidos de ter um novo olhar sobre a vida, as pessoas, o mundo e as coisas...

# Esta cegueira dos discípulos manifesta também a nossa real dificuldade de olhar a Vida pelo prisma do Evangelho, de pensar e reflectir as nossas atitudes iluminados pela lógica da Cruz, que acompanha sempre o caminho do discípulo. Quão difícil se revela para nós ver com novos olhos a vida e mais ainda seguir por novos caminhos, iluminados por uma outra Luz, que não a das estrelas cadentes deste mundo que têm brilho mas não luz, não iluminam mas cegam. Instalados nesta cegueira de orgulho, ficamos na berma do caminho sem pedir para ver. Só as lágrimas da conversão nos podem abrir os olhos do coração. Só a luz da fé nos permite *transpor o limiar da esperança*, ver de modo novo novas todas as coisas. Seja a vossa Palavra, Senhor, farol dos meus passos e luz dos meus caminhos! Para «*que eu veja, Senhor*»!...

# Missa com Catequese – domingo, 11h00

# Leitura do Livro de Jeremias

Soltai brados de alegria.

Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai:

‘O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel’.

Vou trazê-los das terras do Norte e reuni-los dos confins do mundo.

Entre eles vêm o cego e o coxo,

a mulher que vai ser mãe e a que já deu à luz.

**Palavra do Senhor.**

**Aclamação ao Evangelho:** *Aleluia.*

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos** (*Mc* 10,46-52)

*Segue o mesmo texto da apresentação multimédia.*

Narrador: Quando Jesus ia a sair de Jericó na companhia dos seus discípulos e de uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, a pedir esmola à beira do caminho. Mal ouviu dizer que era Jesus de Nazaré que por ali passava, [começou a gritar]:

Bartimeu: **Jesus, Filho de David, tem pena de mim**.

Narrador: Muitos repreendiam-no e mandavam-no calar.

[Multidão: **Cala-te. Cala-te. Cala-te.**]

Narrador: Mas ele gritava cada vez mais:

Bartimeu: **Filho de David, tem pena de mim**.

Narrador: Então Jesus parou e disse:

Jesus: Chamem-no lá.

Narrador: Foram chamá-lo e disseram-lhe:

Discípulos: **Anima-te. Vem aí. Ele está a chamar-te**.

Narrador: Bartimeu atirou fora a capa, levantou-se e foi ter com Jesus. Perguntou-lhe Jesus:

Jesus: Que queres que Eu faça?

Narrador: [O cego respondeu-Lhe:]

Bartimeu: **Ó Mestre, queria voltar a ver**.

Narrador: Jesus disse-lhe:

Jesus: Está bem. A tua fé salvou-te.

Narrador: Naquele mesmo instante, Bartimeu recuperou a vista e seguiu também com Jesus pelo caminho.

**Palavra da salvação.**

«Ó Senhor, dá-me a Tua luz para que veja o Teu amor.

Dá-me um coração para amar-Te,

dá-me olhos para ver-Te,

dá-me ouvidos para escutar a Tua voz,

dá-me lábios para falar de Ti,

dá-me o gosto de saborear-Te,

dá-me o olfato para cheirar e exalar o Teu perfume,

dá-me mãos para tocar-Te

e dá-me pés para seguir-Te».

Bispo Tichon, 1783